

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

**CELSO CARLOS DA COL**

**REVISTA NA ESCOLA**

**CURITIBA**

**2015**

**CELSO CARLOS DA COL**

**REVISTA NA ESCOLA**

**Artigo apresentado para obtenção do título de especialista em Mídias Integradas na Educação no Curso de Pós-Graduação em Mídias Integradas na Educação, Setor de Educação Profissional e Tecnológica, Universidade Federal do Paraná.**

**Orientador: Dr. Lucas Ferrari de Oliveira**

**CURITIBA  
2015**

## Revista na Escola

COL, CELSO CARLOS DA

Curso de Especialização em Mídias Integradas na Educação, SEPT/UFPR

Polo UAB de Apoio Presencial em Foz do Iguaçu/PR

**RESUMO:** Este artigo teve como objetivo verificar de que maneira as mídias podem ser utilizadas como ferramenta pedagógica nas séries iniciais do Ensino Médio, em uma escola da rede estadual no município de Foz do Iguaçu, estado do Paraná. Para responder à problemática foi realizado um estudo descritivo e comparativo por meio de acompanhamento de duas turmas do primeiro ano ao o segundo ano do Ensino Médio. A pesquisa consistiu na confecção de trabalhos a serem entregues em formato de uma revista sobre acontecimentos ocorridos na escola. A turma 'A' do Ensino Médio foi dividida em quatro grupos de sete a oito elementos, enquanto que a turma 'B' não participou do projeto, propositadamente, para que fosse percebido, ou não, a diferença na melhoria da produção textual. A turma 'A' que participou da pesquisa elaborou oito revistas entre 2013 e 2014. Os resultados surpreenderam, pois não ocorreu apenas uma melhora significativa na produção textual, ela ultrapassou esta barreira, beneficiando inclusive, o olhar crítico e aguçado dos alunos para o contexto onde eles estavam inseridos.

**Palavras-chave:** Revista. Escola. Comunicação. Mídias. Educomunicação. Produção Textual. Gêneros textuais.

## 1 INTRODUÇÃO

Ler e escrever textos de revista acarretaria na evolução da conscientização efetiva do texto e do suporte, já que o aluno agiria sobre essa linguagem em um trabalho de produção textual com e sobre a língua viva em um contexto real de interlocução (LEAL, 2005)

Sendo assim, é possível haver alguma melhoria na produção textual de alunos, que se encontram, no início do Ensino Médio, caso os mesmos, fossem orientados a produzirem um veículo de comunicação em massa, como uma revista, em seu ambiente escolar?

Faria (2006) destaca que lendo e produzindo uma Revista Escolar ajuda de forma significativa o aluno a entender o universo da mídia escrita, em específico o da revista.

A relação entre os campos da educação e da comunicação não é exatamente nova. O educador Paulo Freire considerava, por exemplo, que os dois processos são extremamente análogos. Freire, afirmava que comunicar era uma atribuição básica do educar, portanto, o educar seria, então, uma comunicação específica (VOLPI & PALAZZO, 2010).

Ora, os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa - PCNs (BRASIL, 2000), são um documento de suma importância no que se refere à inovação do ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa materna, isso por estar em consonância com as pesquisas linguísticas, ao se remeterem nos estudos sociolinguísticos na sala de aula, reforçando a importância e a necessidade dos mesmos, a fim de propiciar aos docentes e discentes reflexões sobre o funcionamento da língua sob as diferentes esferas de circulação (SILVA & CARVALHO, 2003).

Logo, ao se conceder destaque à relação entre sociedade e língua, toma-se como necessário um ensino-aprendizagem que prime por essa relevância, no sentido de inovação avalizada pelos PCNs de acordo com o campo sociolinguístico de que se ensinar uma língua, depende necessariamente, de um contexto social, surgindo assim à prática pedagógica fomentada no ensino da Língua Portuguesa focada no campo da comunicação que a mesma requer.

Silva & Carvalho (2003) salientam que desse modo, pensar nos usos linguísticos pelo homem implica pensar nos ambientes sociais em que ele está

inserido ou se insere, pois não se pode considerar a língua fora do contexto social, na medida em que sua função seria não apenas transmitir conteúdos, como também estabelecer e manter contatos sociais entre os falantes.

De acordo com Volpi & Palazzo (2010) a influência das mídias na formação das crianças e adolescentes já era enorme por causa da televisão e desenvolveu-se ainda mais nos últimos anos com a expansão das novas Tecnologias de Comunicação e Informação (principalmente a internet).

São as mídias e os próprios meios de comunicação em massa as entradas para que os adolescentes mantenham o acesso ao mundo e os mecanismos para a auto-aprendizagem e para as práticas comunicativas. (VOLPI & PALAZZO, 2010)

Teixeira (2009) afirma que neste contexto de auto-aprendizagem, cabe as instituições de ensino a função de reproduzir as formas sociais de leitura e escrita do modo mais verossímil possível.

Neste contexto, o aluno sendo protagonista na produção e na elaboração de uma Revista Escolar poderia de fato alcançar subsídios, metodologias e estratégias para aperfeiçoar a sua produção de texto.

Criar metodologias que façam com que aluno e revista se encontrem em suas atividades na rotina escolar contribui neste processo de ensino-aprendizagem.

O educando ganhará flexibilidade e experiência pra produzir seus próprios textos nas mais variadas situações em que seja solicitado a produzir textos escritos.

Essa produção acabará de forma efetiva contribuindo na construção e estruturação de idéias e na forma de se expressar via escrita de maneira muito mais contundente, crítica e qualificada.

## **2 REVISÃO DE LITERATURA**

Desde a democratização do ensino, ocorrida nos anos 80, Silva & Carvalho (2003) afirmam que houveram avanços significativos no ensino de Língua Portuguesa, pois a classe popular adquiriu direito de escolarização e com ela trouxe para a sala de aula domínios distintos da linguagem.

Silva & Carvalho (2003) ressaltam que estes domínios fizeram com que a escola passasse de um ensino de língua estritamente normativo para um ensino em que se cruzam/entrecruzam distintos falares, distintos discursos, intencionando dotar o aluno de capacidade para a comunicação e a interação em situações e contextos

variados, de tal modo a compreender o outro e fazer-se compreendido em meio à diversidade lingüística.

Campos (2009) ressalta que uma das principais formas das pessoas, e isso não importando a classe social, se conhecerem e se compreenderem no mundo em que as cercam, é justamente através das notícias.

Por isso, há a preocupação em não transformar a notícia em mero espetáculo, mas sim num veículo de persuasão e convencimento, muitas vezes de forma bem subjetiva (CAMPOS, 2009).

Esta subjetividade é ressaltada justamente porque a

... notícia é um gênero básico do jornalismo, em que se relata um fato do cotidiano considerado relevante, mas sem opinião. É um gênero genuinamente informativo em que, em princípio, o repórter não se posiciona, pois o que vale é o fato. (BALTAR, 2004, p.133)

De acordo com Volpi & Palazzo (2010) durante muito tempo, a educação formal desconsiderou um possível caráter educativo de qualquer forma de comunicação de massa e desmereceu o fato de poder trabalhar com a notícia produzida por estes veículos de informações. Isto se deve principalmente pelo fato de que

A ideologia dos livros didáticos era também, por sua vez, de “elitização” da língua portuguesa e, por isso, esses livros fundamentavam/fundamentam-se numa abordagem eminentemente estruturalista, para a qual as línguas apresentavam/apresentam uma estrutura única e fixa, sem qualquer tratamento às situações reais de fala e/ou comunicação, pois se vale/valia somente da língua enquanto sistema. Os livros didáticos, em se prestando, portanto, a uma clientela favorecida social e culturalmente, priorizavam a “arte do bem falar e do bem escrever”, ou seja, a gramática normativa. (SILVA & CARVALHO, 2003, P.87)

Diante do estímulo de sobrepujar essa visão, é justamente no trabalho com adolescentes e sua relação com a mídia habitual (chamada mídia de massa) e as novas mídias (como a Internet) que o universo escolar tem uma excelente oportunidade de aproximar-se da realidade de seus educandos, ganhar espaço e importância em suas vidas e tornar-se fundamental no desenvolvimento do senso crítico e da autonomia.

O momento e a situação específicos implicam desse modo, na quebra de centralização do modelo estrutural no ensino da Língua Portuguesa, tornando-se inegável a contribuição de novos estudos linguísticos, dentre os quais Volpi & Palazzo (2010) destacam como novas propostas de formalização das mídias de massa a chamada “educomunicação” que visa à construção de autonomia e o

estímulo à participação dos estudantes nesses novos espaços que constituem também uma trajetória rumo à garantia de direitos.

Barbero (2002) destaca que a origem do termo "educomunicação" é recente e está ligada a pesquisadores latino-americanos, que apontam práticas pedagógicas ligadas à formação dos indivíduos frente à dominação da mídia de massa.

Soares (2013) acha importante destacar que dentro deste conjunto normativo

... a educomunicação não está sozinha nas áreas acadêmica e prática. No Brasil e no mundo, existe uma diversificação constante das ações e conceitos de educação neste campo. Ou seja, a educomunicação não é uma metodologia fechada, mas um conjunto de metodologias que têm como objetivo a independência e autonomia de adolescentes e jovens por meio do acesso ao direito à comunicação. A idéia da educomunicação é, portanto, colocar os meios de informação a serviço dos interesses e necessidades dos educandos, garantindo a todos o direito à livre expressão e o acesso às tecnologias da informação. (SOAREZ, 2013 P.19)

A preocupação não é apenas com a informação, mas com o aprendizado, com o aumento de sua capacidade de intervir e de suas habilidades de se comunicar, com o seu processo de tomada de consciência e com os resultados das ações que são realizadas a partir do poder de incidir na realidade para transformá-la (VOLPI & PALAZZO, 2010).

É importante ressaltar o que Soares (2000) se refere a respeito do

... Projeto político da educomunicação é contribuir para que os educandos recuperem sua autonomia em relação à influência da mídia. Essa proposta corresponde a um projeto pedagógico, que é a promoção da criticidade e da participação dos educandos, que por sua vez são resultados da formação de sujeitos pensantes e autônomos. (SOARES, 2000, p.26)

Outro ponto que deve ser avaliado é o que Barbero (2002) destaca a respeito da utilidade, da produção e dos fins dos meios comunicativos

À medida que os educandos entendem o processo de produção de comunicação, eles começam a ampliar a visão acerca da comunicação de massa. Por exemplo, quando aprendem a fazer um programa de rádio, os educandos começam a perceber a importância da elaboração dos textos e entrevistas, as especificidades da linguagem para o rádio, a necessidade de uma boa locução, a responsabilidade com a escolha das músicas, etc. Ao aprender a produzir um vídeo, os adolescentes percebem que a televisão não acontece em um "passe de mágica", pelo contrário, começam a entender o passo-a-passo da elaboração de roteiro, a produção de entrevistas, a produção dos cenários e figurinos e, por fim, a necessidade de escolha das cenas no processo de edição. Tudo isso está relacionado com o aparato técnico dos produtos de comunicação que, na maioria das vezes, não está disponível ao público consumidor/receptor das mensagens (BARBERO, 2002, p.78)

No ensino da língua fundamentado nesta concepção, de acordo com Silva & Carvalho (2003) não existirá anulação do ensino gramatical, ao contrário, abrir-se-á,

por meio da leitura e da escrita à reflexão sobre os fatos gramaticais e/ou linguísticos, de forma a privilegiar a linguagem com toda sua diversidade.

Introduz-se, então, em ação o estudo das variedades linguísticas, e o indivíduo, em uma condição de inércia frente às questões da linguagem, passa a um estado de atividade. Tem agora, independência intelectual e, ao mesmo tempo, seus conhecimentos de mundo passam a ser valorizados (SILVA & CARVALHO, 2003).

### **3 METODOLOGIA**

Inicialmente a atividade foi realizada em um colégio Estadual do município de Foz do Iguaçu no Ensino Médio no período matutino, com dois primeiros anos A e B. As séries foram escolhidas de acordo com a disponibilidade de turmas, neste caso a única série de Ensino Médio que apresentavam alunos nivelados por série e idade eram os primeiros anos.

A proposta da confecção da Revista na Escola foi apresentada aos dois primeiros anos A e B e por consenso o 1º A escolheu ser a série que faria a confecção do trabalho para a pesquisa, enquanto que o 1º B preferiu não participar da elaboração do trabalho. Assim que foi determinado que a pesquisa fosse realizada com a turma do 1º A os mesmos foram divididos em quatro grupos de sete a oito componentes. Após conversa e reunião com a sala do primeiro 'A', os mesmos preferiram que cada grupo elaborasse sua própria revista.

Após realizada a segunda edição da Revista Escola pelo 1º A, foi aplicado um simulado simultâneo, com as duas turmas, com propostas de 05 gêneros de redações de no máximo 10 linhas cada, com temas de vestibulares de Universidades tais como: Federal do Paraná, Unioeste, UEM, UEL e Unocentro. Nestas redações se pediu que fossem escritos um artigo de opinião, uma carta ao leitor, uma dissertação argumentativa, uma narrativa em prosa e um Resumo.

#### **3.1 - ESTRATÉGIAS PARA ENSINAR OS ALUNOS A CONFECCIONAR A PRÓPRIA REVISTA ESCOLA**

O professor fez uma apresentação de várias revistas de circulação nacional, estadual e local. Essa conversa prévia é importante, pois

Faz-se necessário que o aluno perceba o suporte revista, considerando as características do suporte revista, o formato, o projeto gráfico, a seleção de temas e o tratamento dado aos temas. Conhecer a importância das



saliências textuais no processo de composição dos gêneros de informação. As atividades relacionadas devem distribuir-se harmonicamente com as análises textuais programadas. Porém, é necessário que a escola, diante da riqueza e da multiplicidade do gênero, reserve um tempo em sua ação educativa que garanta a presença da revista em suas atividades pedagógicas. (FARIA & ZANCHETTA, 2002, pg.45)

Faria & Zancheta (2002) ressaltam ainda que é importante o professor elaborar atividades leitoras que comecem a sistematização do processo através do levantamento de hipóteses sobre o assunto analisado nas chamadas, nas legendas, nos gêneros textuais, nas fotos, nos gráficos e nos textos de opinião, considerando as linguagens e a perspectiva formal e sócio-comunicativa.

Conforme Faria (2006) estes apontamentos servem para o professor estimular os alunos a escrever, a argumentar, a trabalhar em grupo, entre outras questões. Logo em seguida, ir ao texto para validar ou não inferências realizadas e assumir o papel de perguntador ao texto.

### **3.2 - FAZENDO A PRÓPRIA REVISTA**

Ao produzir uma revista em sala de aula, Faria (2006) explica que se deve dar mais consideração ao processo de produção dos diferentes gêneros textuais da mídia de massa (artigo, reportagem, fotojornalismo, legendas, manchetes, entrevistas); distintas funções e níveis de linguagem presentes no jornalismo noções gramaticais diversas; recursos de pesquisa, do trabalho coletivo e interdisciplinar estratégias que ajudem a firmar a identidade dos alunos.

#### **3.2.1 - Projeto gráfico**

- É o que definiu a cara da revista. Para isso, a turma precisou fazer:
- Analise do projeto gráfico de outras revistas e elaborou um específico para a revista da escola do seu grupo.
  - Criação de uma identidade visual, ou seja, escolheu o tipo das letras para os títulos, textos e legendas, o uso ou não de cores — e quais; o uso ou não de ilustrações etc.
  - Estabelecer as seções que apareceriam sempre no mesmo espaço.
  - Indicar em um quadro a relação dos responsáveis pela produção e pela realização da revista e o expediente.

### 3.2.2 - Recomendações para evitar

Para evitar que a revista não cumprisse seu papel ou não se saísse de forma correta os alunos foram orientados a evitar:

- Transformar a revista em apostila de aula ou em páginas grampeadas. Revistas devem ter visual e linguagem próprias.
- Usar lugares-comuns, como o excesso de piadas, de textos pessoais de alunos, poesias, em vez de trazer coisas novas.
- Utilizar a revista para praticar bullying contra algum colega, por causa de sua aparência, classe social, cor, identidade de gênero entre outros.
- Utilizar a revista para falar mal de professores e suas práticas docentes em sala de aula.

### 3.2.3 O jargão jornalístico:

Para entender a linguagem jornalística, foi necessário conhecer alguns termos usados no dia-a-dia das redações de revistas e jornais.

**3.2.3.1 - Artigo** - Texto que traz a opinião e a interpretação do autor sobre um fato. Geralmente é assinado e não reflete necessariamente a opinião da publicação.

**3.2.3.2 - Editorial** - É a opinião da empresa que publica o periódico sobre temas relevantes. Não é assinado.

**3.2.3.3 - Entrevista** - Contato pessoal entre o repórter e uma ou mais pessoas (fontes) para coleta de informações. Também designa um tipo de matéria jornalística redigida sob a forma de perguntas e respostas (também conhecida como pingue pongue).

**3.2.3.4 - Legenda** - Texto breve colocado ao lado, abaixo ou dentro de foto ou ilustração, que acrescenta informações à imagem.

**3.2.3.5 - Lide** - Abertura de um texto jornalístico. Pode apresentar sucintamente o assunto, destacar o fato principal ou criar um clima para atrair o leitor para o texto. O tradicional responde a seis questões básicas: o quê, quem, quando, onde, como e por quê?

**3.2.3.6 - Manchete** - Pode ser tanto o título principal, em letras grandes, no alto da primeira página de um jornal, indicando o fato jornalístico de maior importância entre as notícias contidas na edição, ou título de maior destaque no alto de cada página

#### 4. RESULTADOS

No total participaram da pesquisa 61 alunos do Ensino Médio de um Colégio Estadual do município de Foz do Iguaçu. Do 1º A participaram 31 alunos, no 1º B outros 30 alunos. O 1º A foi analisado num período de um ano de outubro de 2013 a outubro de 2014, sendo que neste período publicaram duas edições de cada revista que organizaram, as Figuras 1 e 2 mostram algumas capas das revistas elaboradas.



Figura 1 - Capas das revistas Fatal e Lethal  
Fonte: O Autor (2015)



Figura 2 – As duas capas da revista Nativa  
Fonte: O Autor (2015)

A turma se organizou e decidiu o perfil que cada revista teria e a continuidade do projeto no ano seguinte entregando as seguintes publicações:

<b>NOMES DAS REVISTAS ENTREGUES E FUNÇÃO EDITORIAL</b>		
<b>Nome da Revista</b>	<b>Elementos</b>	<b>Função Editorial</b>
<b>Nativa</b>	08	Revista Política do colégio próxima de uma publicação como a Veja e Istoé
<b>Fathal</b>	08	Revista de Entretenimento ao estilo Caras
<b>Real</b>	07	Revista Feminina ao estilo Claudia ou Mariclare
<b>Lethal</b>	08	Revista Histórica buscou diversificação em modelos de Revistas como a História, Super Interessante e Galileu

**Tabela 1 Fonte: O Autor (2015)**

Para realizar a análise do resultado da experiência foi necessário aplicar simultaneamente um simulado com as duas turmas para averiguar se houve ou não alguma melhoria na qualidade da produção textual.

Optou-se pela organização de um simulado de redação privilegiando 05 gêneros textuais de no máximo 10 linhas cada. As propostas foram de cinco vestibulares de 2012 a 2013 de quatro universidades públicas e uma particular de acordo com a tabela:

<b>GÊNEROS TEXTUAIS E OS RESPECTIVOS TEMAS DO SIMULADO</b>		
<b>Instituição</b>	<b>Gênero textual</b>	<b>Tema</b>
<b>UFPR</b>	Artigo de Opinião	Cotas: o justo e o injusto
<b>UNIOESTE</b>	Carta ao Leitor	Viciados em games podem confundir o mundo real e o virtual
<b>UEL</b>	Dissertação argumentativa	“A preguiça é a mãe do progresso”
<b>UNOCENTRO</b>	Narrativa em prosa	“E se todos fôssemos Bissexuais”
<b>UEM</b>	Resumo	Medos e Fobias

**Tabela 2 Fonte: O Autor (2015)**

Participaram do simulado de redação os mesmo alunos que participaram da confecção da Revista Escola e os que também não participaram da elaboração da mesma conforme a tabela abaixo:

<b>RELAÇÃO DOS ALUNOS QUE PARTICIPARAM DO SIMULADO E MÉDIAS</b>				
<b>Turma</b>	<b>Quantidade de alunos</b>	<b>desistentes</b>	<b>alunos que faltaram ao dia do simulado</b>	<b>Média</b>
<b>A</b>	20	04	07	95,6
<b>B</b>	11	06	13	64

**Tabela 3 Fonte: O Autor (2015)**

O tempo de duração deste simulado foi de duas horas e meia, feito no contra turno no mês de outubro de 2014 nas instalações do próprio Colégio Estadual.

O desempenho geral das duas turmas foi obtido através de uma correção do professor que realizou a pesquisa, juntamente com ajuda de outra professora de Língua Portuguesa Valéria França Alves.

A nota atribuída pelos dois professores, a cada aluno, foi somada e dividida por dois, para se obter a média do aluno. Na sequência, para se alcançar a média das turmas se somou as notas e se dividiu pelo número de alunos de cada turma separadamente que haviam participado do teste de acordo com a tabela abaixo:

<b>MÉDIA GERAL DO SIMULADO DAS DUAS TURMAS</b>			
<b>Instituição</b>	<b>Gênero</b>	<b>Média Geral 1º A</b>	<b>Média Geral 2º B</b>
<b>UFPR</b>	Artigo de Opinião	94	65
<b>Unioeste</b>	Carta ao Leitor	98	60
<b>UEL</b>	Dissertação Argumentativa	93	67
<b>Unocentro</b>	Narrativa em Prosa	96	68
<b>UEM</b>	Resumo	97	60

**Tabela 4 Fonte: O Autor (2015)**

A correção da redação é um processo subjetivo, haja vista, que não existe um gabarito, ou respostas que possam ser classificadas em certas ou erradas. Para solucionar esta equação os corretores da redação estipularam quatro critérios de avaliação que foram avaliados conforme a tabela abaixo:

<b>CRITÉRIOS DA AVALIAÇÃO DO SIMULADO</b>					
<b>Turma</b>	<b>Norma Culta</b>	<b>Coesão</b>	<b>Coerência</b>	<b>Adequação ao tema</b>	<b>Média Geral</b>
<b>A</b>	98	96	96	96	96,5
<b>B</b>	60	67	67	62	64

**Tabela 5 Fonte: O Autor (2015)**

Interessante observar que um dos critérios em que os alunos do 1º B mais enfrentaram dificuldades, inclusive cometendo alguns equívocos de classificação, foi justamente, com relação aos gêneros textuais. Na redação de Artigo de Opinião, de 11 alunos do 1º B que participaram do simulado, 04 simplesmente fizeram outro gênero textual, pois não sabiam o que era um Artigo de Opinião, conforme demonstração dos erros dos gêneros textuais na tabela abaixo:

<b>RELAÇÃO DE ALUNOS QUE NÃO CONSEGUIRAM PONTUAR NO SIMULADO</b>					
<b>Turma</b>	<b>Artigo de opinião</b>	<b>Carta ao Leitor</b>	<b>Dissertação Argumentativa</b>	<b>Narrativa em prosa</b>	<b>Resumo</b>
<b>A</b>	01	00	00	00	00
<b>B</b>	04	05	04	03	06

**Tabela 6 Fonte: O Autor (2015)**

Importante observar, que foram avaliados dois critérios dentro da Norma Culta padrão a ortografia e a sintaxe. Dentro da ortografia os aspectos analisados foram à escrita das palavras e a acentuação gráfica. Na sintaxe os aspectos mais relevantes foram à concordância verbal e a nominal. Os alunos do 1º B além de terem muita dificuldade na ortografia, escrevendo palavras sem acento e com muitos erros ortográficos, sendo que tinham muitos problemas também, na concordância verbal e nominal conforme demonstrativo gráfico abaixo:

<b>CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DA NORMA CULTA</b>					
<b>Turma</b>	<b>Ortografia</b>	<b>Acentuação</b>	<b>Concordância verbal</b>	<b>Concordância nominal</b>	<b>Média Final</b>
<b>A</b>	97	99	99	97	98
<b>B</b>	55	60	65	60	60

**Tabela 7 Fonte: O Autor (2015)**

## **5. DISCUSSÃO**

As duas turmas em termos de médias na disciplina de Língua Portuguesa tinham um aproveitamento muito semelhante. No entanto o resultado do simulado aplicado entre a turma 'A' e 'B' revelou significativas contribuições para análise do estudo comparativo.

Ou seja, mesmo estando em semelhança de idade, série e médias, percebeu-se que os alunos da turma 'A' que participaram da produção da Revista na Escola tiveram notas muito acima da média quando se comparado com as notas da turma 'B' que não participaram do projeto de elaboração da revista no simulado de redação.

Pode-se observar que os alunos da turma 'A' encontraram menos dificuldades na hora de identificar os gêneros, interpretar os textos e principalmente, em produzi-los. Ficou evidente que os alunos da Turma 'A' tinham noção e domínio do que estavam lendo e produzindo.

De certa forma a participação na produção da Revista Escola, foi além da própria produção textual, haja vista, que os alunos da turma 'A' encontraram menos dificuldades na participação do simulado.

Esta autonomia foi conferida aos alunos da turma específica, porque ao serem protagonistas das produções, também foram avaliadores dos seus trabalhos, foram críticos, prova esta, que depois de elaboradas as primeiras edições, no ano seguinte, quiseram fazer novamente o trabalho, pois queriam corrigir as falhas que ocorreram na primeira publicação, demonstrando maturidade e principalmente, autonomia na produção e confecção do trabalho.

Este ato, de refazer o trabalho, agora com maior experiência, garantiu aos alunos domínio da linguagem escrita, nos seus mais variados e diferentes tipos textuais.

Não foi somente o refazer, mais o de atribuir valores a assuntos mais pertinentes, haja vista, que a segunda edição teve conteúdos e matérias completamente diferentes da primeira edição, embora tivessem que trabalhar os mesmos gêneros textuais, como: o editorial, a entrevista, a matéria de capa, as colunas sociais, reportagens de gincanas e jogos, entre outras matérias pertinentes ao universo escolar em que estavam inseridos.

Esta mesma autonomia, este mesmo senso crítico, ou até mesmo, esta intimidade de classificar os gêneros textuais não foi observado em relação aos alunos do 1º 'B' que não participaram da confecção da revista. Isso porque, as aulas de Língua Portuguesa ficaram no tradicional, na produção entre o aluno e o professor, sem que houvesse a exposição, a crítica individual e o próprio refazer das atividades.

A produção textual do 1º 'B' reproduziu o mecanicismo das aulas de Língua Portuguesa tradicionais, uma discussão supérflua dentro da sala de aula, com um monólogo do professor a respeito de um tema, do qual os alunos, não tinham muito domínio e tão pouco interesse.

Na sequência a produção de um texto dissertativo, que por sua vez, ficou restrito ao professor e ao aluno, as considerações apontadas pelo professor não foram de grande valia e principalmente, de grande interesse por parte dos alunos.

O mesmo se pode dizer do trabalho com outros gêneros textuais como a narrativa, a carta, o resumo, a entrevista que foram trabalhados com a turma 'B' no decorrer do ano, mas que também, não surtiram muito efeito na melhoria da produção textual.

A questão a ser analisada é que a mudança da prática do ensino de Língua Portuguesa na produção de texto e dos gêneros textuais focando no aluno enquanto produtor, crítico e sujeito do seu saber, possibilitou autonomia por parte destes estudantes. E isso, fez toda a diferença no simulado, e no modo como estes alunos, do 1º 'A' começaram e a se enxergarem dentro do universo escolar que faziam parte e principalmente, do contexto histórico que estão inseridos.

As aulas com a turma 'A' passaram a serem mais produtivas, porque estes alunos vinham de casa com dúvidas, críticas e análises de notícias que ouviam da televisão ou as publicadas nas redes sociais.

Ou seja, não aceitavam mais explicações de cunho ideológico burguês, pois sabiam que as notícias, muitas vezes eram verdadeiras, porém recheadas de tendências, que retransmitiam as vozes ideológicas das elites dominantes, e isso transforma o sujeito social num elemento que pensa e discute o que ouve e o que aprende, pois o mesmo não aceita qualquer fato ou informação imposta sem antes entendê-las.

No entanto, o mesmo não ocorreu com a turma 'B', que como continuou no mecanicismo, reproduzido por anos e anos de livros didáticos e de professores muitas vezes, sem a devida capacitação para trabalhar novos prismas de linguagem. Ou seja, o conjunto não ajuda, não basta o professor trabalhar, se esforçar, instigar se este professor, não tiver novas práticas e novas metodologias de se incentivar o aluno ao apreender.

A elaboração de uma Revista Escola é um processo árduo e exaustivo, mas que no final, se revelou numa importante ferramenta de contribuição, que a Mídia na Educação pode promover na transformação dos alunos, que participaram do processo, pois foi capaz de mudar sujeitos pacientes transformando-os em sujeitos agentes ativos, críticos e autônomos no processo da construção de seus conhecimentos.

Seria interessante que a pesquisa fosse continuada sendo realizada com os mesmos sujeitos do processo do 1º ao 3º ano do Ensino Médio para que as constatações pudessem ter um vigor científico mais contundente e realmente comprovado.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A produção escrita dos sujeitos que completam o Ensino Médio é ineficiente, limitando-os na hora de expressarem suas idéias e pensamentos, através da escrita.



Os discentes permanecem nove anos no Ensino Fundamental e mais três no Ensino Médio, estudando Língua Portuguesa, num total de 12 anos. É tempo suficiente para que esta Língua no mínimo fosse aprendida e dominada nos mais variados gêneros requisitados, no entanto, o que se percebe, é que o aluno, termina o Ensino Médio e simplesmente, é incapaz de produzir uma redação, seja no vestibular, ou em exames como o Enem. O que aconteceu com estes alunos durante o período em que estiveram no Colégio?

Afinal, a maioria é simplesmente, incapaz de reconhecer os gêneros não sabendo distinguir dissertação de narrativa, não sabendo redigir uma carta, não sabendo levantar uma tese e tão pouco desenvolver um raciocínio. O que é preciso que a escola ofereça? A função da escola não é incentivar o ensino de Língua Portuguesa para que seus protagonistas tenham uma proficiência que lhe garanta escrever bem nas mais variadas situações em que lhe seja exigido? Então porque não consegue?

Para responder algumas das questões propostas acima, pesquisamos uma nova estratégia norteada na confecção de uma Revista produzida na Escola escrevendo e produzindo gêneros textuais de diferentes tipologias como entrevistas, editoriais, reportagens, cartas ao leitor, artigos de opinião, manchetes, legendas e fotografias sempre abordando os problemas do ambiente em que se estuda, valorizando os projetos realizados em outras disciplinas, professores, diretores, pedagogos; as interações na hora do intervalo, eventos produzidos no universo escolar entre outras atividades que puderam contribuir de maneira significativa para despertar e melhorar a produção escrita dos alunos.

O escrever neste contexto, não foi apenas acadêmico, não foi algo imposto em troca de uma nota, o escrever neste contexto, encontrou objetividade, pois os produtores passaram sua visão à comunidade escolar, do que realmente estava acontecendo dentro deste universo escolar. Isso deu legitimidade a quem escreve e principalmente, informatividade a quem leu, resultando num trabalho em que existiu causa e consequência do escrever para alguém ler.

Esta busca de retratar o que estava ocorrendo esbarrou na comunicação, que necessitou ser efetuada dentro de todas as variações linguísticas do culto ao coloquial. A informação precisou ser repassada, e este repassá-lo, exigiu cuidado, esmero, forma e conteúdo. Neste processo o aluno aprendeu que não bastava

escrever, mas o ato de escrever precisava ser entendido, por quem lia a sua produção textual.

Então produzir notícias, através da produção textual exigiu do aluno responsabilidade, com a verdade, com a coesão e a coerência, com a objetividade do tema, com as normas gramaticais, com toda uma coletânea de palavras, que enquanto se estudava, não tinha muito sentido no aprendizado da Língua Portuguesa, mas que neste contexto, fez todo sentido, porque a produção saiu do teórico e passou a ser prático.

De fato, a pesquisa acompanhou, registrou e comparou através de duas turmas, que realmente há uma possibilidade de promover uma aprendizagem efetiva, de qualidade e de comprometimento, não só com a produção textual, mas com a capacidade crítica e com a autonomia do sujeito em relação ao espaço em que ele está inserido, tornando-o proficiente na sua língua materna além de um sujeito ativo que pode transformar o ambiente do qual ele está inserido.

## **7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

FARIA Maria Alice e ZANCHETTA Juvenal, **Para ler e Fazer o jornal na sala de aula**, São Paulo 2002, 2ª edição: Ed. Contexto

FARIA Maria Alice, **Como usar o jornal na sala de aula**, São Paulo 2006, 1ª edição: Ed. Contexto

HERR Nicole, **Aprendendo a Ler com o jornal e 100 ficha práticas para explorar o jornal na sala de aula**, São Paulo, 2010, 1ª edição: Ed. Dimensão

BARBOSA FILHO, André, CASTRO, Cosette, TAKASH, Tome (organizadores). **Mídias Digitais – Convergência Tecnológica e inclusão social**. São Paulo, 2010: Ed. Paulinas.

CAVALCANTI, Joana. **O jornal como proposta pedagógica**. São Paulo, 1999: Ed. Paulus.

MARCONDES. Beatriz; TOSHIMITSU, Thaís; MENEZES, Gilda. **Como usar outras linguagens na sala de aula**. São Paulo, 2008: Ed. Contexto

SOARES, Ismar de O. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação – Contribuições para a reforma do Ensino Médio**. São Paulo, 2011: Ed. Paulina.

SOARES, Ismar de O., **Educomunicação: um campo de mediações**, in *Comunicações e Educação*, (2000).

BARBERO, Jesús Martín **La Educación desde la Comunicación**, Buenos Ayres, 2002: Ed. Norma.

AGNES Augusto **Revista Escola jornais em sala de aula**, São Paulo, 2012  
<http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/jornal-sala-aula-423555.shtml> Acessado 07/02/2014 acessado 22/02/2014

FIGUEIREDO Leiva de & LEAL Viana **Organização do Suporte Revista**, 2005  
[http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema\\_crv/documentos/op/em/linguaportuguesa/2010-08/op-em-lp-22.pdf](http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema_crv/documentos/op/em/linguaportuguesa/2010-08/op-em-lp-22.pdf) Acessado 10/02/2014 acessado 22/02/2014

TEIXEIRA Josina Augusta Tavares **Jornal na sala de aula**, Juiz de Fora MG, 2009  
<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=11934> acessado 22/10/2014

VOLPI Mario & PALOZZO Ludmila **Mudando sua Escola Mudando sua Comunidade Melhorando o Mundo** *Sistematização da Experiência em Educomunicação*, Brasília, 2010  
[http://www.cidadeescolaaprendiz.org.br/wpcontent/uploads/2014/06/mudando\\_sua\\_escola-melhorando\\_o\\_mundo.pdf](http://www.cidadeescolaaprendiz.org.br/wpcontent/uploads/2014/06/mudando_sua_escola-melhorando_o_mundo.pdf) acessado 22/10/2014

SOARES, Ismar de Oliveira. **Caminhos da Educomunicação na América Latina e Estados Unidos** Brasília, 2013  
[https://sites.google.com/site/midiaseducacaonce2/cadernos\\_3](https://sites.google.com/site/midiaseducacaonce2/cadernos_3) - Acessado em 28/10/2014

CAMPOS, Elisabeth Marques et ali **Viva Português: Língua Portuguesa 9º Ano**, 2ª Edição São Paulo, Ed. Ática, 2009.  
<http://pt.slideshare.net/jociluz/neros-textuais-jornal-notcia-entrevista-charge-tira-reportagem-carta-de-leitor-carta-denncia-anncio-publicidade-propaganda> - Acessado 29/10/2014

SILVA, Franciele Marques da & CARVALHO Marilda Alves Adão **A Variação Linguística em Livros Didáticos de Língua Portuguesa**, Web Revista Sociodialeto, Campo Grande, 2013  
<http://www.sociodialeto.com.br/edicoes/14/01042013125508.pdf> - Acessado 02/11/2014

Parâmetros Curriculares Nacionais. Língua Portuguesa, Brasil, 2000